

# VIDA FLUMINENSE

Livro Ilustrado

ESCRITÓRIO  
RUA DO OUVIDOR

32 - subrude - 32

CORTE

5\$000	
10\$000	
20\$000	

Nenhum	
Ano	-
Avalos	

11\$000	
-21\$000	
...13\$000	

O engenheiro, arquitecto, J. B. Ballaryni,  
socio da firma Ballaryni e Rosio e um dos autores do  
projeto para a nova ponte da Comarca do Rio de Janeiro.



## A VIDA FLUMINENSE

### Aos nossos assignantes

**Encetamos no presente numero a galeria dos MEDALHÓES, trabalho devido ao mais distinto caricaturista do Rio de Janeiro, e lithographado pelo habil desenhista o Sr. Valle.**

**No proximo numero começaremos a publicar o « ALBUM DA VIDA FLUMINENSE » ou uma serie de desenhos, em ponto grande, allusivos na quasi sua totalidade às coisas do Brasil.**

**O frontespicio d'esse Album occupa a pagina central da nossa folha de hoje. Chamamos a atenção dos Srs. Assignantes para esse trabalho.**

Rio, 2 de Setembro de 1871.

### Assumpto de varias còres

A sociedade de gymnasica francesa — O Club Mozart e o sári de 31 do passado — Problema resolvido pelos irmãos Carlo — Ainda os cavalos do professor Chiarini — O benefício do bariton Celostino — Celostino 1º, segundo as plazas de Gottschalk — Barbe-Bleu e o modo porque Mestre Arnaut desejaria esta reprise o chô das representações de outr' ora — «Perno Finken» — O « Daengano » romance do Dr. Gomes de Souza — Promessa de uma chronica musical.

A sociedade de Gymnastica francesa, para festejar o seu aniversario, e à imitação do quô costume praticar todos os annos, deu sábado passado uma soire à que assistiu numeroso concurso de socios e convidados.

Era esplendido o aspecto da sala, repleta de damas e cavalheiros, e digno de vêr-se o trabalho de gymnasica e esgrima executado por alguns socios amadores com o esmero que nem sempre caracteriza o dos que, por profissão, se dedicam a tão difícil e arriscada arte. Por tal sorte em esta circunstancia reconhecida pelos espectadores, que por mais de uma vez foram os intrépidos amadores cobertos de aplausos, não d'esses, que a polidez ensina ou à sympathia aconselha, mas aplausos saudios d'alma com a spontaneidade que não sabe disfarçar-se.

Apôz a gymnasica seguiu o baile, animado do principio a fim como costumam sól todos os que a colonia' francesa d'entre nós.

Outra festa de não menor valia, embora de genero diferente, foi a que, a 31 de passado, deu o Club Mozart no seu vasto salão da rua do Conde.

No programma, combinado com certo gosto e bastante inteligencia, avultavam peças de concerto de mérito incontestável e cuja execução foi geralmente louvada, e, por vezes, aplaudida com fervor.

Além disso inaugurava-se tambem n'aquella noite o retrato do Vice-Presidente, o Sr. Freitas, um dos homens que mais a peito tem tomado a prosperidade do Club, e a reunião de ambos essas circunstancias contribuiu muito para que a affluencia fosse, como foi,

enorme. A satisfação que pairava no rosto de todos, os encantos que foi alvo o Sr. Rocha Fragoso, a cujo pinçal se devo o retrato inaugurado, e as vivas demonstrações dadas pelo auditorio em favor dos artistas e amadores que haviam chamado a si a responsabilidade da parte musical, provam a aceitação que mereceu a festa de quinta-feira e mostram o modo porque a actual direcção procura desempenhar, á satisfação de todos, a missão de que se acha encarregada.

Tocar rabeca, não é já de si cosa facil: mas tocar rabeca pulando ao mesmo tempo e executando com rara pericia os mais difficis equilibrios gymnasticos, é problema de cuja solução só, até hoje, se encarregaram os irmãos Carlo.

Imagine-se um concerto de tres violinos tocados por tres palhaços engracadíssimos; ao canto, executado por uma das rabecas e acompanhado pelas outras duas, adicionese um sem numero de saltos, cabriolas, posseções arriscadas, e grupos grotescos feitos com a maior velocidade e sem que os tres violinos se calam um instant: — e se a imaginação se recusar a compreender como isto é feito recorra-se a um expediente fácil o de pouca despeza. Saia-se de casa, ali pelas volta das 7 horas da noite, na firme tencão de ir á rua do Espírito Santo. Ali chegando, compre-se um bilhete d'ingresso ao circo Chiarini, e ao sair da lá, no fim da função, além de se ter admirado a maestria dos cavalos do Sr. Chiarini, ter-se-há compreendido como se dão cambalhotas e se toca rabeca ao mesmo tempo.

Apôz longa enfermidade, que durante algum tempo o retirou da scena, deu-nos o bariton português A. M. Celostino uma representação em seu benefício, no teatro do Campo de Sant'Anna.

O nosso publico, que não perde occasião de testemunhar ao artista, que soube deliciar-o outr' ora, o apreço em que tem as suas qualidades, assistiu com prazer o convite do beneficiado o correu a saudá-lo na ponte da sua despedida.

O teatro achava-se, pois, repleto de espectadores: e o espectaculo, embora alterado pela falta de algumas partes prometidas no programma, satisfez quantos a elle assistiram.

Na parte musical distinguio-se notavelmente o pianista Celostino Junior não só pelo brio e destreza na sua digitação, como pelo colorido brilhante que deu aos dous trocos de GOTTSCHALK. Na Tarantella, especialmente, dir-se-há que o joven pianista surpreendera ao author daquelle musica saltitante os segredos de sua

execução prodigiosa, não só na parte relativa ao modo de vibrar as notas, como na velocidade com que percorria o teclado.

Outros artistas de justificadoa reputação tomaram também parte no concerto, sendo calorosamente festejados ao terminar das peças de que se haviam encarregado.

Na parte comica do espetáculo, reduzida tão somente à exibição do triâlogo — *Tchang-Tching-Bung*, — distinguindo-se o ratão do Vasques, que transformou a peça de A. de Castro n'uma garrigada continua.

O beneficiado, não restabelecido ainda da sua enfermidade, limitou-se a cantar a canção do aventureiro na ópera *Guarany* sendo muito aplaudido tanto ao entrar em cena, como apóis a execução do trecho.

Prepara-nos a direcção do Alcazar uma nova edição do *Barbe-Bleu*, d'Oberlinach, peça out'ra cantada n'aquella théatre com sucesso *hors ligne*.

Para que a *reprise* actual não desdiga dos tempos passados, distribuiu-se a Irma-Marié o papel de *Boulotte*, restaurou-se cuidadosamente o scenário, e tem-se procedido a ensaios regulares para que na primeira noite tudo corra de sorte a fixar o éxito da obra.

Tem isto dado lugar a que o cariz não apresenta sensível novidade n'estes últimos dias. Apesar disso a concorrência não afrouxado, e sempre que Mme. Arnal canta a *Filha do Regimento*, ou Mme. Irma-Marié electriza os seus admiradores na *Cantiga de Fornalhão*, as palmas andam a esvo, e as flores caem como sarava munda.

Terça-feira é o benefício do Signore Pietro Ferranti, no théatre da Guarda-Velha.

A julgar pela curiosidade, que o espetáculo inspira é de crer que a sala se encha a mais não poder n'aquela noite.

Alem do justificado merito do beneficiado, que na ópera anunciada representa o tipo de um velho ratão dos seus setenta janeiros com a proficiencia de que só é capaz o verdadeiro artista, e poderoso incentivo à concorrência pública a primeira representação da *D. Pasquale*, opera onde a par de certa veia comica nalguns dos trechos principais, há outros enjaç melodia encantadora, facilmente encontra eco em todos os coreações.

Agradecemos ao Dr. Gómes de Souza o exemplar, que nos ofereceu do seu romance *O Desengano*, trabalho geralmente elogiado pela imprensa diária, e que merece ser lido pelas muitas bellezas que n'ele se contêm. Os caracteres acham-se desenhados com vigor, o estylo é fluente e por vezes mimoso, e os quadros são essencialmente brasileiros, e grupados por mão de mestre.

Falta-me espaço para falar do brilhante exito obtido pelas *Vesperas Sicilianas*, no théatre D. Pedro II.

Como a ópera tem de sustentar-se por muito tempo

no cartaz, tentarei sabbado proximo uma chronica musical acerca do famigerado *apartido* do Verdi.

A. DE A.

### As margaridas.

(Continuado do n.º 191).

Lazarina sentia-se com força bastante para se dedicar exclusivamente ao homem que o seu coração escolhesse; mas a dificuldade era encontrar-o.

O homem inteligente, bem educado, dispondo de fortuna, e de physionomia sympathica, tal qual Lazarina o sonhara, nem sempre está á disposição de uma mulher de théatre quando se trata de levar-a á igreja.

Estavam as cozinhas n'esse ponto, e a pobr moça esperava com a maior resignação pelo *passaro azul* da sua fantasia, quando uma de suas companheiras de camarim veio a cazar-se.

Este casamento não era bom.... nem máo. O marido, moço de aspecto agradável, ganhava dinheiró n'un comércio de exportação, e possuia um d'esses physicos que agradam geralmente. Vendido de braço dado com a sua companheira, Lazarina não pônde reter um suspiro prolongado.

Mas, no cabo de algumas semanas, a lua de mel transformara-se: «n'lu de fel e o cazel longe de viver n'cô precipitaria-se pouco a pouco no inferno. O marido tornara-se ciumento, e no theatro, especialmente reproduzia com incrivel naturalidão o character faganhudo de um Othello... de bastidor. A mulher chorava pelos cantos, esquecia-se do papel, deixava de entrar a tempo, e entregava-se por vezes a uma execração difícil de descrever-se.

E que nem a actriz podia deixar os hábitos contrabídos entre Bohemia théatral, nem o marido tinha a filosofia necessaria para aceitá-las com o sorriso nos labios e sem raiva no coração.

Una noite, para evitar uma explosão seria e trazer o desventurado cazel ao caminho da paz, Lazarina deu alguns conselhos ao marido, e pregou um sermão em rega a mulher.

Longe de obter o fim a que se propunha: a nossa herinha só conseguia augmentar a cólera de que ambos se achavam possuidos.

*E singular!* dizia Lazarina... *mudo Ihes falta para serem felizes... e entre tanto...*

*Nada Ihes falta?* respondeu a noiva, que ouvia a observação. *Falta-lhes não serem a que realmente são: Se eu fosse mercieira e meu marido fizesse chapéus, acredita que tu lo iria de mit morarilhas.*

*Mais, em lugar disso, o que vés tu? O fogu cazado com a agua; ou antes, o theatro unido ao comércio perante os altos?*

*Não te salta nas othas a incompatibilidade!...*

*Incompatibilidade, bem triste!... disse Lazarina.*

*Triste porque? não hu por ahi tanto gente que anda por cima dos espinhos, se ar ver o sangue que the corre dos pes?*

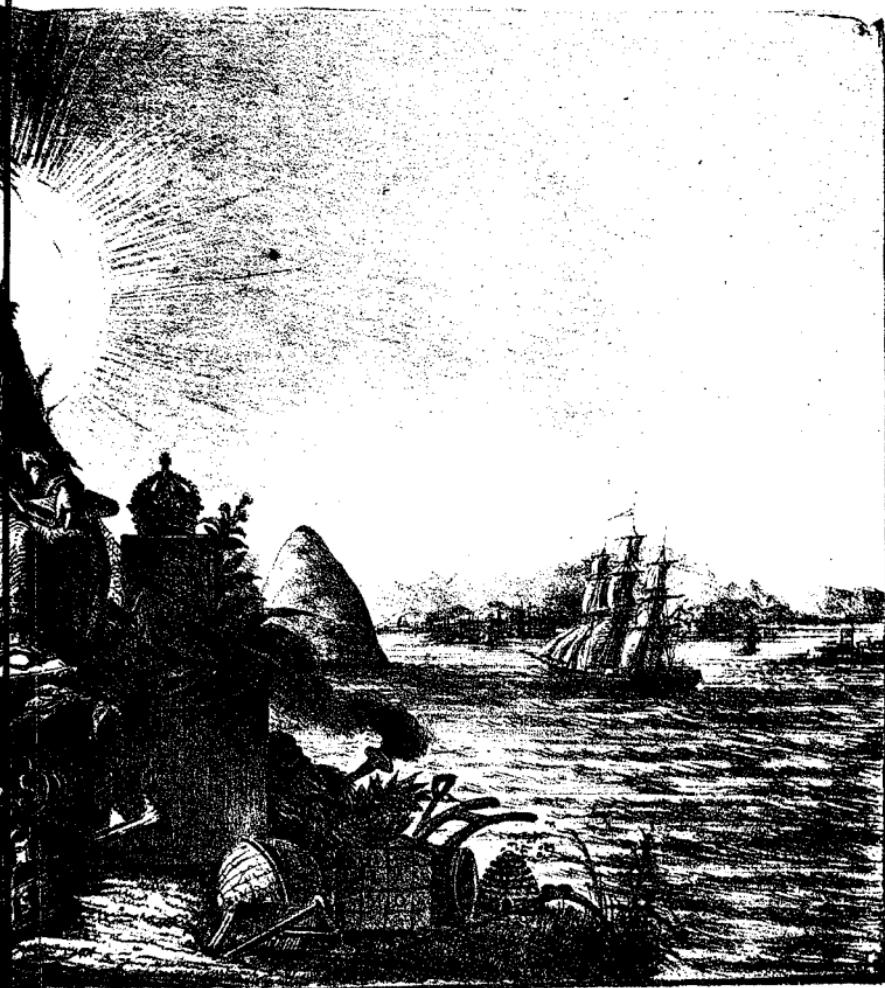
Lazarina recálhio nas suas meditações. A esperança começava a abandoná-la.

AVIDA FL



O FUTURO DA VIDA

FLUMINENSE



DA FLUMINENSE

Quando o período de suas idéias propensas no casamento passou, voltou-se ella de novo para o batalhão de namorados, sempre numeroso quando se trata de uma actriz moça e bonita.

Nessa noite representava ella n'uma comédia, que, em razão das muitas scenas mudas, lhe fornecia óptimo ensejo para se ocupar dos seus adoradores.

Diverlio-se pois a contá-los, analysando — *in petto* — as qualidades e defeitos respetivos a cada um.

*Pobres rapazes!* dizia ella, contemplando-os.

Mas o numero quatorze onde estard? Ab! o cil-o. Sempre enlouquecido, encovado, escravido... que faz gosto vél-o....

Oh! se não fosse tão estupido?

Li está também o meu numero dous!... belles higodes... mas isso não basta. E o numero dez? com o seu collar de... dentes podres....

E Lazarina continuou sua revista até o numero vinte.

Quando porém chegou ao vigésimo primeiro, a pobre rapariga não pôde conter um suspiro.

(Continua.)

### As vesperas sicilianas.

(Continuado do n.º 191)

#### ACTO III

(Gabinete no palacio de Montfort).

Sentado perto de uma mesa lê este a carta, que outrora recebera da mulher que seduzira e depois abandonara. Na carta, escrita poucas horas antes de morrer, pede-se ao pai que vele pelo filho já que nem amor nem cuidados lhe mereceria a mãe. Mais lê a carta e mais profundo sente Montfort arrojar-se-lhe n'alma o amor paterno.

Sobrevenem Bethune, o qual participa ao governador que, em cumprimento de suas ordens, Arrigo se achava na sala contígua. Montfort dá ordem para o trazerem à sua presença.

Ao entrar no gabinete o moço siciliano mostra o mesmo desprezo que sempre lhe inspirara o governador.

Recebe-o este com bondade e mostra-lhe a carta, que há pouco estava lendo. Ao saber que Guy de Montfort é seu pai, Arrigo mostra-se desolado.

Debalde o governador procura despertar-lhe no coração o amor filial, abraçando-o com a effusão própria de um pai. O alívio siciliano, em resposta a tais sentimentos, destaca-se de seus braços e foge sem que o governador tenha força de segui-lo.

#### Mutação

Na sala de baile do governador. Helena e João de Procida, de mascara no rosto, passavam por entre os convidados, ao passo que as bailarinas, representando as quatro estações, executavam um passo allegórico.

Às dancas, entra Arrigo a quem Helena e Procida comunicam que, provenidos os patriotas sicilianos, em breve entrariam naquela sala dispostos a

apunilar Montfort e todos os opressores da Sicília, que ali se acharem. Arrigo fica horrorizado e, embora não sinta pelo pai a aflição extremos de quasi todos os filhos, procura os meios de subtraí-lo a morte certa. Para isso dirige-se a Montfort, que há pouco entrou na sala rodeado de varios cavalleiros e damas, e pede-lhe que fuja.

O governador diz-lhe que não teme os seus inimigos. Mostra-lhe então Arrigo os conspiradores que entram por todos os lados. Montfort vai a fazer-lhes frente mas Hélène, de punhal na mão, dirige-se para elle e de certo o mataria, se Arrigo não viesse metter-se de perna entre o pai e Hélène.

Montfort, protegido por todos os seus, manda prender Hélène, Procida e os conspiradores alli presentes.

A duquesa e Procida, ignorando que Arrigo é filho do governador, lancam-lhe em rosto a sua traição, e, na companhia dos outros conspiradores sahem pelo fundo no meio dos soldados de Montfort.

#### ACTO IV

(No pátio de uma fortaleza. A' esquerda, porta que leva às prisões. Ao fundo, muralhas guardadas à vista por algumas sentinelas).

Arrigo vem ali para justificar-se aos olhos de Hélène, e de João de Procida da acusação que estes lho haviam feito em casa do governador. Hélène, ao princípio, não quer ouvir-o, mas ao saber que Montfort é pai do homem que ella tanto amava, mostra-se comovida e tudo perdoa.

João de Procida, que sobrevém apático, aproveitando o momento em que Arrigo vai ad' fundo mostrar ás sentinelas a permissão que tem de libertar livremente aos prisioneiros, chega-se a Hélène e entrega-lhe uma carta, onde se noticia a chegada de um navio carregado de ouro, e armas, que Pedro de Aragão envia aos sicilianos. Procida sente ver-se prisioneiro no momento em que tudo se mostra propício á libertação da Sicília.

Chegam Montfort e Bethune que vêm assistir as supplicies dos condenados. Hélène e Procida estão promovidos a morrer; mas Arrigo implora a seu pai o perdão de ambos, embora Procida se oponha a tal sob pretexto de que noda lho é licita aceitar de um traidor. Hélène communica ao velho patriota que o homem, que lhe devolveu o brago no momento da vingança, é filho do governador.

Montfort resiste primeiro ás supplicies de Arrigo, mas cede por fim sob a condição de que este lhe chamará pai, uma vez ao menos. Arrigo hesita.

Ouve-se ao longe a ultima prece dos condenados, e ao mesmo tempo abre-se a porta da esquerda que dá para uma sala, em cujo centro se vê o carrasco, contornado por alguns ponteiros e pelos soldados a quem a sua guarda se acha confiada.

Perante tal quadro, Arrigo cai no chão aos pés de Montfort pronunciando o doce nome de pai, e implorando de novo o perdão de Hélène e Procida. O governador manda imediatamente suspender a execução e declara a todos que, para sellar o contrato de paz entre a Fran-

ce o a Sicília, Helena em breve casará com seu filho Arrigo.

Todos exultam, menos João de Procida, cujo ódio contra os franceses toma a cada passo maiores proporções, e que escolhe o toque das vespertas, hora aprasada para o casamento de Irleena, para dar o golpe destinado a libertar a pátria.

ACTO V

*Jardim no palacio de Montfort, em Palermo. Escadaria ao fundo que da entrada para uma capella.*

Varias moças sicilianas esperam alli a chegada de Helena, que, vestida de noiva, bem depressa vem receber os ramalhetes que lhe oferecem, e agradecer as provas de sympathia que lhe são dadas.

Sobreven Procida, e, a sós com Helena, comunica-lhe que todos se acham prontos para a viagem e que, apensas soar a lições das Vespertas, começará em Palermo horrível carnificina.

Helena tremo ao ouvir tal, e hesita. Vendo a sua hesitação, Procida lança-lhe em rosto a sua proxima união com o filho do maior oppressor da Sicília, e diz-lhe que, para complicar a traição, deve denunciar ao governador tudo quanto se acha traumado para libertar a pátria. Helena luta cruelmente entre o amor e o dever, sem saber por qual delles decidir-se.

Sobreven Arrigo radiante de esperanças e felicidade. Dá pela inquietação de Helena e interrogá-a. Esta, vencida pelas considerações de Procida, diz ao amante que não pode mas s' ser sua esposa, por isso que as cinzas de seu irmão jámás lhe perdoariam uma aliança com os oppresores da Sicília. Arrigo entrega-se à maior desolação ao ouvir semelhantes palavras.

Montfort, seguido por muitos cavalheiros e damas francesas, sahe do palacio. Tudo lhe conta Arrigo. Montfort procura demover a duqueza de um propósito que tanto se opõe à felicidade do ilho; mas ella, entregou á mais profunda dor, mostra-se inabatável. Ouve-se então o toque das Vespertas. Helena pede a Montfort e a Arrigo que fujam. E' tarde.

Os soldados, armados de espadas e punhais, precipitam-se sobre os franceses, ao passo que João de Procida exulta ao ver a pátria livre finalmente do jugo estrangeiro.

A DE A

### Versos... do pé coxo

(Sirva do avvertencia)

Ao sahir do circo—Chiarini— na noite da inauguração, e a caminhão de minha caza, que fia mais para o norte do que para o sul, encontrei na rua um papelinho almiscarado, rendado e assentinado, cujo conteúdo do debole procurei ler á luz do lampião que alumia o canto do lado occidental do nosso Rocio.

Chegando a caza, porém, mudaram as couses de fece, e auxiliado pelo clarão produzido pelo pavio da

minha vela.... de stearina, cheguei a decifrar a rosa!!! que abaxio transcrevo, cujo original fica archivado no museu.... das histriologias.

*Ecc portentus poeticus!*

Felizmente foi uma ella quem escreveu.... porque se fosse um elle!....

### Anjo das neos Sonhos

eu ja estó siento no sio nome, queres saber o méo nome vaja nestes versos

quem diz que não há ciúme  
onde existe a mor ardente  
ou não sabe o que amor seja  
ou não dizendo o que sente

ainar iras sempre consigo  
ciúme devorador  
e este tanto mais consume  
quanto mais forte é o amor

um anjo da terra no peito me fez  
por ella sentir a mais viva paixão  
amar lhe jurando rojei-me a seos pés  
e o estado pintei-lhe do meu coração

volte

Desta Sua Amante.

Amesma.

L, C, da S,

### THEATRO D. PEDRO II

TERÇA FEIRA 5 DE SETEMBRO DE 1871.

Grande espetáculo, inteiramente novo, em honraficio do celebre baixo—comico

PIETRO FERRANTI.

Representar-se-ha pela primeira vez a opera em 3 actos de Donizetti

D. PASQUALE.

*Distribuição.*

D. Pasquale — velho celibatario, economiro, cruelido e toimoso	Sig <sup>m</sup> . Ferranti.
O Dr. Malatesta (medico)	* Mazzoni.
Ernesto — sobrinho de D. Pasquale	Ballerini.
Norina ——viva moça e afectuosa	Sig <sup>m</sup> . Pasti.
Um tabellio	Sig <sup>m</sup> . Marina.

Crescidos, o mordomo, a madista e o celibatário.

A acção passa-se... no Rio de Janeiro, se assim for do agrado do espectador.

Às 8 horas.

Typ. de CARLOS F. MUELEN, rua da Ajuda n. 16.



*Não é padre, não é nadador,  
Somente de profissão  
Para dançar com mais gosto  
Putter vivar a escravidão.*  
*(Edos da Cunha 41)*